

A “CRÔNICA DE NEUBERG” (*CONTINUATIO NOUIMONTENSIS*): AD 1348-1350. EDIÇÃO BILÍNGUE.

The Neuberg Chronicle (*Continuatio Nouimontensis*): AD 1348-1350. Bilingual Edition

Tiago Augusto Nápoli (Doutorando CAPES-DLCV-USP)¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5665-0270>

Email: tiagoaugustonapoli@gmail.com

Prof. Dr. Adriano Scatolin (DLCV-USP)²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0056-9187>

Email: adrscatolin@gmail.com

Enviado em: 10/09/2020

Aprovado em: 10/12/2020

Resumo: apresenta-se a tradução anotada das entradas relativas aos anos de 1348 a 1350 da anônima “Crônica de Neuberg” (*Continuatio Nouimontensis*), que relatam a chegada da Peste Negra ao território da atual Áustria. Utilizou-se a edição latina preparada por Pertz (1851) para os *Monumenta Germaniae Historica* (MGH).

Palavras-chave: Peste Negra, Crônica de Neuberg, Literatura Latina Medieval.

Abstract: this paper presents the annotated translation of the entries for the years 1348-1350 of the “Neuberg Chronicle” (*Continuatio Nouimontensis*), which narrate the arrival of the Black Plague on the territory of modern Austria. The source text was taken from the Latin edition prepared by Pertz (1851) for the *Monumenta Germaniae Historica* (MGH).

Keywords: Black Plague, Neuberg Chronicle, Medieval Latin Literature.

Nota introdutória

Ao se observar o surto epidêmico de 1348 à luz da medicina moderna, arrisca-se a reduzi-lo a suas meras características sintomatológicas. Descuida-se, porventura, de um tipo de vínculo intrínseco – aos olhos medievais decerto – entre a Providência divina e o mundo natural, parte este da Criação. Mais do que isso, põe-se de lado uma mundividência, que embora se nos apresente irreconciliável, será inequívoca em autores como Isidoro de Sevilha (c. 560 – 636), dentre outros. Em palavras bastante similares àquelas da Faculdade de Medicina de Paris séculos depois,³ diz este último acerca das chamadas “doenças agudas” (*De acutis morbis*):

Pestilentia est contagium, quod dum unum adprehenderit, celeriter ad plures transit. Gignitur enim ex corrupto aere, et in uisceribus penetrando innititur. Hoc etsi plerumque per aerias potestates fiat, tamen sine arbitrio omnipotentis Dei omnino non fit (Isid. *Etym.* IV.6.17).

A pestilência é um [tipo] de contágio, que ao infectar um indivíduo é transmitida rapidamente para muitos outros. Origina-se da corrupção do ar e subsiste penetrando nos órgãos internos. Embora isso se dê geralmente pelas propriedades do ar, nunca ocorre sem a vontade de Deus Onipotente.

Em consequência, a doença será potencialmente (e a um só tempo, diga-se) punitiva e admonitória⁴, contemporânea e bíblica⁵, originária do mundo físico e da vontade de Deus.⁶ A doença será, curiosamente, salutar, posto que capaz de expiar as faltas dos homens.

Deste modo, procurando resgatar algumas das particularidades referidas, o trabalho proposto por nós pretende apresentar em língua portuguesa a anônima “Crônica de Neuberg” (*sc. Continuatio Nouimontensis*), mais especificamente, suas entradas aos anos de 1348-1350, ou seja, do surto inicial da moléstia no território da moderna Áustria até o ano jubilar, instituído por Clemente VI. Enfim, a despeito da brevidade do texto a seguir, esperamos que, por meio deste, algumas das diversas consequências

sociais, médicas e religiosas decorrentes da epidemia possam ser melhor examinadas sob a perspectiva de sua inter-relação.

Sobre a tradução

A tradução ora proposta baseia-se na edição latina de Pertz (1851, p. 669-677), segundo consta do volume 9 dos *Monumenta Germaniae Historica (MGH SS)*. As datas que acompanham as notas explicativas foram extraídas em sua quase totalidade de Cross (1997 [1957]), embora eventualmente tenham sido consultadas obras diversas. Como critério para a tradução dos nomes próprios, seguiram-se em regra as soluções de Machado (1984), em seu *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. No mais, para facilitar o cotejo entre original e tradução, adotou-se a disposição do texto em duas colunas.

De resto, à exceção de Nápoli & Scatolin (2016), todas as demais traduções de fontes relativas à peste são de autoria de Tiago Augusto Nápoli e Aline Montesine Fávaro, em trabalho inédito que também contará com a participação do Prof. Marcelo Vieira Fernandes (DLCV-USP).

A tradução que se segue não teria sido realizada sem o auxílio de três indivíduos. Em primeiro lugar, agradecemos à Profa. Adriana Zierer (UEMA), que amavelmente incentivou sua feitura, dispondo-se a ler e comentar nossos resultados preliminares. Igualmente agradecidos ficamos ao professor Marcus Baccega (UFMA) e à pós-graduanda Aline Montesine Fávaro (USP), ambos incansáveis em seu zelo para com a tradução apresentada. A eles nosso agradecimento.

CONTINUATIO NOVIMONTENSIS

CRÔNICA DE NEUBERG

Codex Nouimontensis

Codex Nouimontensis

A.D. 1348 in die conuersionis beati Pauli, hora uesperarum, uniuersalis motus terre terribiliter emersit; et in uno loco uehemencior ac crudelior extitit, sicut in Villaco ciuitate euidentius fuit ostensum. Nam cum in ecclesiis causa deuocionis homines conuenissent, in uno impetu structuris corruentibus, hii qui aderant mox extincti sunt. Murum eciam ciuitatis et cuncta edificia concussio nimia penitus subuertit, et homines absque numero qui non poterant celeriter a ruina fugere, simul interierunt; et firmas circumiacentes municiones et uillas precipitanter euertit. Eodem anno infinita disturbia in pluribus regionibus apparuerunt, quia seua pestilencia in partibus transmarinis primo oriebatur, et per diuersos effectus inmanissime omnes interficiebat. Primo per malignam impressionem superiorum aerisque corrupcionem homines et iumenta in illis partibus sicut erant constituti in loco aut in labore, ita in lapides transmutabantur. Insuper in partibus ubi zinziber nascitur letalis pluuiia descendit, mixta cum serpentibus et diuersis uermibus pestiferis; et cunctos quos tetigit continuo extinxit. Non longe ab illa regione accidit, quod terribilis ignis de celo fulminauit, et

No ano do Senhor de 1348, no dia da Conversão de São Paulo⁷, à hora das Vésperas⁸, um aterrorizante terremoto ocorreu por toda parte. No entanto, foi mais violento e cruel em determinada área, como ficou bastante claro no caso da cidade de Villach⁹. Ali quando as pessoas se reuniram nas igrejas para o ofício, os prédios ruíram de uma só vez, matando prontamente os que lá se achavam. O forte abalo também derrubou por completo a muralha da cidade e todos seus edifícios, e incontáveis foram os que não conseguiram escapar da destruição a tempo, morrendo na hora. Num átimo vieram abaixo as robustas fortificações do entorno e seus vilarejos. Neste mesmo ano, uma grande convulsão foi observada em muitas regiões, porque uma violenta pestilência, surgida no ultramar, começou a matar todos brutalmente em decorrência de seus diversos sintomas. De início, por força do influxo maligno dos astros e da corrupção do ar, os homens e animais de carga que se encontravam naquelas paragens, onde estivessem com seus afazeres, ali permaneceram petrificados. Ademais, uma chuva mortífera com serpentes e vários tipos de vermes pestilentos caiu nas terras em que nasce o gengibre¹⁰,

ea que reperit consumpsit; lapides uero uirtute illius ignis ita ardebant ac si in arida ligna fuissent mutati. Fumus inde procedens erat ualde contagiosus, ita ut mercatores a longe ipsum intuentes statim inficerentur; nonnulli ex eis eciam uitam ibidem finierunt. Qui autem euaserunt, pestilenciam secum deportauerunt, et omnia loca ad que cum mercimoniis applicuerunt, sicut Greciam, Italiam et Romam, infecerunt, et uicinas regiones per quas transierunt. Unde timore perterriti statuerunt ut in finibus illis nullus aduena in hospiciis eorum colligeretur, et mercatores a quibus pestilencia in ceteros se diffundebat, compulsi sunt a terra celeriter exire, quia ubique ualide regnabat mortifera pestis; et ciuitates que antea populose extiterant, ex eo quod habitatores in eis essent defuncti, clausis portis firmissime custodiebantur, ne quis res mortuorum raperet uiolenter. Sed et Venetiis talis fuit tribulatio ex repentina morte, quod uix quarta pars hominum remanserat. Deinde pestilencia cum impetu peruenit ad Karinthiam, et postmodum Styriam uehementer occupauit, ita ut homines desperati incederent et quasi amentes; et nemo magistrorum poterat inuestigare, an ex errore planetarum uel ex intemperie aeris euenisset talis letalis annus, sed

aniquilando de imediato a todos que tocava.¹¹ Não muito longe dali, um terrível fogo brilhou no céu, consumindo tudo que encontrou pela frente.¹² Sua intensidade fez as pedras arderem como se tivessem sido transformadas em lenha seca. A fumaça que exalava era tão contagiosa, que mesmo ao olhá-la de longe os mercadores eram imediatamente infectados, alguns deles chegando a morrer no local. Os que escaparam, porém, levaram a pestilência consigo e infectaram todos os lugares em que chegaram com suas mercadorias – por exemplo, a Grécia, a Itália e Roma –, bem como as regiões vizinhas por que passaram. Tomados de terror, [os habitantes] decidiram então que nenhum estrangeiro seria hospedado naqueles territórios. E assim, os mercadores, que transmitiam a pestilência, foram obrigados a deixar rapidamente aquelas terras, pois a mortífera peste imperava com força em todos os lugares. As cidades, antes cheias de gente, fecharam suas portas com a morte de seus habitantes, sendo atentamente vigiadas, para que ninguém tomasse à força os pertences dos defuntos. Em Veneza, a repentina morte provocou tal apuro, que quase não restou um quarto de sua população. Em seguida, a peste chegou com violência à Caríntia¹³ e, após

cuncta diuine ordinacioni commitebant. Propterea ut Deus misericorditer genus humanum intueretur inchoata fuit manifesta penitencia, et uiri congregati de ciuitatibus et uillis simul in una societate sicut in processione bini et bini incedentes, nudi toto corpore, excepto quod femorale albo panno extenso usque ad talos uelabant, et ecclesias cum deuocione uisitabant, uociferantes materna lingua de passione Domini pulcras cantilenas, uerberantes se nodosis flagellis tam dure quod sangwis guttatim super pauimentum aspergeretur; mulieres uero clausis oratoriis post uesperas eundem actum humiliter prosequabant. Consuetudo huius castigacionis durauit a festo sancti Michaelis usque ad pascha. Insuper per ecclesias religiosi necnon et presbiteri propter cladem inminentem cum reliquiis frequenter cum supplicacionibus diuersis circuibant; apostolicus eciam speciales in uniuerso instituit precaciones, de quibus singulariter facere mencionem esset tediosum. Sed cum nulla interuenirent suffragia, uerum eciam cum miseria, qualis nunquam legitur ab inicio mundi facta, cottidie augmentaretur, nec phisicorum ad curacionem et subuencionem industria sufficeret; omnibus postpositis se Deo commiserunt. Signa uero que preuenire solebant algum tempo, ocupou impetuosamente a Estíria¹⁴, levando as pessoas ao desespero, como se estivessem fora de si. Nenhum douto era capaz de descobrir se a causa daquele ano funesto estava no movimento dos planetas ou na corrupção do ar.¹⁵ Atribuíaam, porém, tudo aquilo ao desígnio divino. Para que Deus olhasse com misericórdia pelo gênero humano, deu-se início então a uma penitência pública, onde homens vindos a um só tempo de cidades e vilarejos caminhavam juntos dois a dois como numa procissão.¹⁶ Com os corpos nus, exceto por um pano branco que os cobria da cintura ao tornozelo, visitavam com devoção as igrejas, bradando em sua língua materna belas cantilenas acerca da Paixão do Senhor, enquanto se flagelavam tão duramente com açoites cheios de nós, que seu sangue pingava sobre o chão. Quando as capelas fechavam após as Vésperas¹⁷, as mulheres também os acompanhavam com humildade. Esta prática de flagelo durou da festa de São Miguel Arcanjo¹⁸ até a Páscoa. Além disso, o clero [regular] e os padres caminhavam frequentemente à volta das igrejas portando relíquias e fazendo muitas súplicas, em razão do desastre iminente. O papa¹⁹ chegou a estabelecer em todo o mundo preces especiais,²⁰ as quais seria enfadonho

pestilentes fuerunt apostemata rubea uariis maculis conspersa circa genitalia tumencia uel sub ascellis; et hii de quibus non erat confidencia euadendi, sangwinem excreabant. De talibus decumbentibus fetor pestiferus procedebat, inficiens ipsos uisitantes et eis obsequium prestantes; et sepissime contigit quod uno mortuo in domo, omnes successiue uita priuarentur; ita quod in domibus qui inhabitaret minime reperiretur, et qui consangwinitate coniungebantur quasi naturali cursu simul interierunt. Ob hanc grandem et generalem uastacionem peccora errabant in campis absque pastoribus, quia nemo presumebat se intromittere propter uite conseruacionem, et lupi rapaces uolentes ea inuadere primo intuitu perterriti repente contra morem in uacuum fugierunt. Res eciam mobiles et immobiles quas infirmi testabantur, tamquam si infecte fuissent, ab omnibus caucius uitabantur. Mortalitas uero circa nouilunium semper efficaciter seueibat. Deinde circa festum beati Martini declinauit ad terminos Noui montis pestilencia et plures monachos cum colonis consumpsit. Cumque talis miseria homines crudeliter infestaret, consultum fuit a sapientibus, ut mutuis se consolacionibus et leticiis reficerent, ne

mencionar uma a uma. Porém, como nenhuma ajuda surtia efeito e tal sofrimento – de que nunca se lera desde o início do mundo – aumentava dia após dia, tampouco os esforços dos médicos eram capazes de chegar a uma cura ou socorro, as pessoas colocaram tudo de lado e se confiaram a Deus. Usualmente os primeiros sinais a aparecer nos infectados eram ulcerações vermelhas espalhadas por várias manchas em torno de inchaços na genitália ou sob as axilas.²¹ A quem expelia sangue não havia esperança de escapar. No mais, estes moribundos exalavam um fedor pestilento que infectava os visitantes e os que lhes celebravam as exéquias. Era também extremamente comum que, com a morte de um único indivíduo na casa, todos os demais perdessem logo depois a vida, não restando ninguém.²² Além disso, parecia o curso natural [das coisas] que aqueles que estavam unidos por um laço de sangue morressem juntos. Por causa da grande devastação em toda parte, os rebanhos erravam nos campos sem pastor, pois ninguém ousava ocupar-se deles com medo de perder a vida.²³ Os vorazes lobos, por sua vez, queriam atacá-los, mas logo que viam os animais ficavam aterrorizados, fugindo contra o próprio instinto. Todos evitavam com muita

tristitia ampliori absorberentur. Hoc facto conuiuia et nupcias iocundo animo ubique celebrauerunt, ut sic semigaudio refocillati merentes non desperarent.

cautela as propriedades e os pertences deixados em testamento pelos enfermos, como se estivessem também eles infectados. Ademais, a mortandade era sempre mais violenta perto da Lua nova. E assim, com a chegada da Festa de São Martinho²⁴, a pestilência voltou-se contra as terras de Neuberg²⁵ e dizimou muitos monges e colonos. E como tal tristeza acometeu cruelmente as pessoas, os sábios deliberaram que elas deveriam reconfortar-se amparando e alegrando umas às outras, não se deixando abater por uma tristeza ainda maior. Deste modo, foram celebrados com alegria festins e bodas por toda parte, para que, reconfortados por esta ilusória alegria, os desafortunados não entrassem em desespero.

A. D. 1349 reges et principes in finibus nostris, licet prius discordes, tamen cuncti amicabiliter confederati sunt. Item inundacio aquarum permaxima ubique exorta dampnum intulit copiosum. Pestis uero contagiosa predicta successive peruenit usque ad Wyennam, necnon in omnes terminos, ita ut homines absque estimacione exspirarent, et tertia pars hominum uix remaneret. Ideo propter fetorem et horrorem cadauerum non sinebantur sepeliri in cimiteriis

No ano do Senhor de 1349, os reis e príncipes de nossas terras, embora antes envolvidos em disputas, aliaram-se todos amigavelmente. Também [neste ano], uma gigantesca inundação, vinda de toda parte, provocou inúmeras perdas. Além disso, a contagiosa peste de que falamos chegou em seguida a Viena e a todas as regiões vizinhas, provocando a morte de incontáveis pessoas, das quais quase não restou um terço. No mais, por causa do mau-cheiro e do horror provocado pelos

ecclesiarum, sed mox cum fuissent extincta deferebantur ad communem locum in agrum Dei extra ciuitatem, ubi quinque fouee in breui profunde et late usque ad summum sunt corporibus mortuorum replete; et durauit hec pestilencia a festo penthecostes usque Michaelis. Non solum Wyennam sed et alia loca circumiacencia crudeliter inuasit; monachis et monialibus minime pepercit, cum in Sancta Cruce 53 religiosi de hoc seculo eodem tempore migrauerunt. Signa uero predicta abhominabilia cunctos pestiferos indifferenter corruerunt. Optima uina ubique prouenerunt, et de ipso utentibus indiscrete, omnes quasi amenciam contraxerunt, ita ut absque causa se uerberarent atque male tractarent. Et de illa crudeli mortalitate transacta homines penitus inmemores qui remanserant, pluribus se erroribus et contencionibus miscuerunt, quia ditati fuerant de substantia mortuorum. Ideo intrepide metam excedebant et sine lege quam plures uiuebant; nobiles uero et ciues uolentes fugere mortem ad tuciora loca se transtulerunt; sed quia prius erant infecti, propterea non poterant euadere quin ex eis quam plures morerentur. Item quidam cardinalis ad apostolico Wyennam missus, mire reuerencie et potestatis, habens

corpos, não era permitido enterrá-los nos cemitérios das igrejas, mas, assim que morriam, eram transportados a uma área comunal, no campo de Deus,²⁶ fora da cidade, onde em pouco tempo cinco fossas ficaram abarrotadas de cadáveres até o topo. Esta pestilência durou de Pentecostes²⁷ até a festa de São Miguel Arcanjo²⁸ e assolou violentamente não apenas Viena, mas também as demais localidades à volta. De forma alguma poupou os monges e freiras, visto que 53 religiosos de Heiligenkreuz²⁹ migraram desta vida no mesmo período. Os sinais abomináveis já mencionados atormentaram indiferentemente todos que portavam a peste. Os melhores vinhos vinham de todas as partes e, bebendo-os sem discernimento, todos enlouqueceram por assim dizer, atacando-se uns aos outros ou se maltratando sem qualquer motivo. Além disso, as pessoas que sobreviveram, completamente esquecidas da cruel mortandade que passara, incorreram em muitas faltas e querelas, enriquecidas com os bens dos mortos. Por esta razão, a maioria não tinha receio de passar dos limites e vivia à margem da lei. Os nobres e os cidadãos, pretendendo escapar da morte, mudaram-se para lugares mais seguros, porém, já infectados, não conseguiam evitar que sua

plenariam potestatem, summo cum honore est susceptus et laudabiliter tractatus. Hic dispensacione casuum et collacione beneficiorum magnam pecuniam est sortitus.

grande maioria morresse. Também [neste ano], o papa enviou a Viena um cardeal de admirável reverência e poder, além de plenipotenciário, que foi recebido com grandes honras e tratado com louvor. Ele obteve uma grande soma pelas absolvições e benefícios conferidos.

Anno 1350 anno iubileo innumerabilis multitudo utriusque sexus de diuersis nacionibus Romam pro indulgencia consequenda indifferenter processerunt.

Em 1350, ano do Jubileu,³⁰ uma incontável multidão de ambos os sexos dirigiu-se prontamente de diversas nações a Roma, para obter o perdão de seus pecados.

Referências

I) Fontes primárias

BENEDETTI, Ivone (trad.). Decameron. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

BRANCA, Vittore (ed.). Giovanni Boccaccio. Decameron. Italia: Oscar Mondadori, 2009 [1985].

CURZEL, Emanuele; PAMATO, Lorenza; VARANINI, Gian Maria (eds.). Giovanni da Parma, canonico della cattedrale di Trento, e la sua cronaca (1348-1377). Studi Trentini di Scienze Storiche, LXXX, 2001, p. 211-239.

DICKINSON, F. H (ed.). Missale ad usum insignis et præclaræ ecclesiæ Sarum. Burntisland: E Prelo de Pitsligo, 1861-1883, p. 886*.

FREDERICQ, Paul. Corpus Documentorum Inquisitionis Haereticæ Pravitatis Neerlandicæ. Gent: J. Vuylsteke, 1896, p. 116-117.

GRYSON, Roger (ed.). Biblia Sacra Vulgata. 5. ed. Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008 [1969].

HOENIGER. Robert. Das Gutachten der Pariser Facultät. In: Der Schwarze Tod in Deutschland. Berlin: Eugen Grosser, 1882, p. 149-156.

HORROX, Rosemay (trad.). *The Black Death*. Manchester: Manchester University Press, 1994.

KENDALL, Calvin B.; WALLIS, Faith (trads). *Isidore of Seville. On the nature of things*. Liverpool: Liverpool University Press, 2016.

LINDSAY, W. M. (ed.). *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum siue Originum Libri XX, II. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano*, 1911.

NÁPOLI, Tiago Augusto Nápoli; SCATOLIN, Adriano. *História da doença, ou antes mortandade, que ocorreu no ano do Senhor de 1348*, de Gabriele de' Mussis. *Morus – Utopia e Renascimento* 11 (2), 2016, p. 181-200.

NODILO, Speratus. *Scriptores 1. Annales Ragusini anonymi*. In: *Monumenta spectantia historiam slauorum meridionalum*. Zagrabiae: Ex Oficina Societatis Typographicae, 1883.

PAUPHILET, Albert (ed.). *Joinville. Histoire de Saint Louis*. In: *Historiens et chroniqueurs du Moyen Age*. France: Gallimard, 1952.

PERTZ, Georg Heinrich (ed.). *Continuatio Nouimontensis*. In: *MGH SS, IX*. Hanover, 1851, p. 669-677.

TOMASSETTI, A. *et al.* (ed.). *Institutio Sanctissimi Iubilaei, plenariaeque peccatorum remissionis pro quolibet centesimo anno basilicas Ss. Petri et Pauli Apostolorum de Urbe uisitantibus*. In: *Bullarum, Diplomatum et Privilegiorum Sanctorum Romanorum Pontificum Taurinensis Editio, IV. Augustae Taurinorum: Franco, Fory et Dalmazzo Editoribus*, 1859, pp. 156-157.

WAITZ, Georg (ed.). *Pauli Historia Langobardorum*. In: *MGH SS rer. Lang.* Hanover: 1878, p. 12-187.

WELKENHUYSEN, Andries. *La peste en Avignon (1348) décrite par un témoin oculaire, Louis Sanctus de Beringen*. In: *Pascua Mediaevalia*. Leuven: Katholieke Universiteit Leuven, 1983, p. 452-492.

II) Estudos e obras de referência modernos

ABERTH, John. *The Black Death. The Great Mortality of 1348-1350. A brief history with documents*. New York: Palgrave MacMillan, 2005.

BLAISE, Albert. *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Turnhout: Brepols, 1954.

_____. *Dictionnaire latin-français des auteurs du Moyen-Âge*. Turnhout: Brepols, 1975.

CARPENTIER, Élisabeth. *Une ville devant la Peste. Orvieto et la Peste Noire de 1348*. Imprimerie Nationale, 1962.

COHN JR., Samuel K. *The Black Death Transformed. Disease and Culture in Early Renaissance Europe*. Great Britain: Arnold, 2003.

CROSS, F. L. *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford: Oxford University Press, 1997 [1957].

DELORT, Robert. Que a peste seja do rato! In: As doenças têm história. Trad. Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1997, p. 109-126.

HERLIHY, David. The Black Death and the Transformation of the West. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MACHADO, José Pedro. Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Confluência, 1984.

NIERMEYER, J. F. *Mediae latinitatis lexicon minus*. Leiden: E. J. Brill, 1976.

NORRI, Juhani. Dictionary of Medical Vocabulary in English, 1375-1550. London: Routledge, 2016.

THURSTON, Herbert. The Holy Year of Jubilee. An Account of the History and Ceremonial of the Roman Jubilee. London: Sands & Co., 1900.

ZANELLA, Gabriele. Italia, Francia e Germania: una storiografia a confronto. In: La Peste Nera: dati di una realtà ed elementi di una interpretazione. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1994, p. 49-135.

ZIEGLER, Philip. The Black Death. London: The Folio Society, 1997.

III) Fontes eletrônicas

“Du Cange *et al.* *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*”. Página eletrônica: <http://ducange.enc.sorbonne.fr/>. Consulta em: julho e agosto de 2020.

Notas

¹ Doutorando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, dedicando-se sobretudo à tradução de textos medievais e da Antiguidade Tardia. Entre suas traduções, encontram-se “A Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade” (Rónai-2019), a *Ystoria de morbo* (Morus-2016), de Gabriele de’ Mussis (séc. XIV), e o livro I, da crônica cruzadista intitulada *Gesta francorum* (Translatio-2020), estas duas últimas em parceria com o Prof. Adriano Scatolin (FFLCH-USP).

² Professor de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo desde 2003. Dedicou-se à tradução de autores diversos de época antiga (Cícero, Salústio, Quintiliano, Plínio, Eutrópio) e, em parceria com Tiago Augusto Nápoli, medieval (o livro 1 dos *Gesta Francorum*, crônica anônima da Primeira Cruzada, e a “História da doença”, de Gabriele de’ Mussis).

³ Cf. n. 13.

⁴ O que levaria um dos cronistas de Ragusa a afirmar sobre o ano de 1348: “Houve em Ragusa uma grande peste. Não foi uma peste, mas a ira de Deus” (*Fu a Ragusa una gran peste. Non fu peste, ma ira di Dio*) (Nodilo 1883, p. 39).

⁵ Assim a concebe, por sua vez, o cronista Marco Battagli da Rimini (*fl.* 1370), em seu *Marcha*: “À época de Carlos IV da Boêmia e do Papa Clemente VI, [isto é], no ano do Senhor de 1348, a iniquidade humana e todo tipo de pecado cresceram a tal ponto sobre a terra, que seu fedor e algazarra chegaram aos justos ouvidos do Altíssimo. Assim, o justo juízo de Deus, à semelhança do dilúvio, irrompeu colérico por toda a face da terra com o golpe ardente de uma violenta morte [...]” (*Tempore Karoli de Bohemia et pape Clementis VI, anno Domini MCCCXLVIII, humana iniquitas et cuiuscumque generis peccata tantum*

creverant super terram, quod eorum fetor et clamor ad iustas aures pervenit altissimi. Tunc iusta Dei sententia, similis diluvio, cum ignea mortis acute plaga super omnem faciem terre irruit cum furore [...] (Massèra 1913, p. 54).

⁶ Na “História da doença” (*Ystoria de morbo*), de Gabriele de’ Mussis (†1356), trata-se do próprio Deus, que demanda à Terra a punição dos pecadores: “Ele [*sc.* Deus], vendo o gênero humano se lançar a todas as más obras e não sendo mais capaz de tolerar tantos atos abomináveis e horríveis, vociferou à Terra: ‘Terra, o que se passa? Prisioneira destas turbas de infelizes, maculada pela sordidez destes pecadores, estás totalmente incapacitada? O que se passa? Por que, banhada de sangue humano, não demandas a vingança? Por que suportas os meus oponentes e adversários? Germinada a luxúria, já deverias ter sufocado meus inimigos. Prepara-te, para que possas levar a cabo a vingança!’. E a Terra [respondeu]: ‘Eu, a Terra, criada por ordem tua, posto que ordenas, abrirei minhas veias e engolirei incontáveis criminosos. Recusarei os frutos costumeiros: não produzirei trigo, vinho ou óleo’. Então, lançando um trovão nos céus, o Juiz, profundamente irado, conduziu numa inexprimível severidade os elementos, os planetas, as estrelas e as ordens dos anjos contra a raça humana; armou cada um dos seres vivos, para a destruição dos pecadores [...]” ([...] *ad omnia malla opera prosilleret, tot abhominabilia, tot horribilia ulterius ferre non ualens, clamavit ad terram. Quid agis terra, miserorum captiuata cateruis, peccatorum sordibus maculata, tota es Ineffecta quid agis. cur humano sanguine madefacta non postulas ultionem. cur hostes et aduersarios meos pateris. debuisses jam Inimicos meos, producta libie [libidine?] suffocasse, prepara te ut possis exercere uindictam. § Et ego terra, tuo Imperio fundata, postquam jubes, apperiam venas meas et infinitos degluciam criminosos. negabo fructus solitos. blada, vina et olea non effundam. § Cumque in celestibus demisso tonitruo irattus uehementer. Judex, ellementa, planetas, sydera, et ordines Angelorum, contra humanum genus ineffabili censura conduceret et singulos animatos in exterminium peccatorum armaret*) (Nápoli & Scatolin 2016, p. 183).

⁷ 25 de janeiro.

⁸ Uma das mais antigas partes do Ofício Divino, cuja realização se dava originalmente ao fim da tarde.

⁹ Ou seja, a cidade austríaca localizada na região da atual Caríntia (*vide n.* 11).

¹⁰ Sobre a especiaria e sua origem oriental, escreve Isidoro de Sevilha (c. 560 – 636): “Diz-se ainda existir outro tipo de galanga, o qual nasce na Índia e é chamado gengibre [*zingiber*] na língua local” (*Traditur etiam alia species cyperi, quae in India nascitur et appellatur lingua eorum zinziber*) (Isid. *Etym.* XVII.9.8). Não menos interessante é o comentário de Jean de Joinville (c. 1224 – 1319), que relaciona a erva ao Paraíso Terrestre: “Antes de o rio [*i.e.* o Nilo, entendido aqui como um dos rios paradisíacos, segundo tradição que remonta a Josefo] adentrar o Egito, aqueles que estão acostumados com tal prática lançam-lhe redes ao cair da noite. Ao amanhecer, encontram nelas os produtos que são trazidos a esta terra, a saber, o gengibre, o ruibarbo, a madeira de áloe e a canela. Conta-se que estes vêm do Paraíso Terrestre” (*Avant que li fluns entre en Egypte, les gens qui ont acoustumé à ce faire, gietent leur roys desliées parmi le flum au soir; et quant ce vient au matin, si treuvent en leur royz cel avoir de poiz que l’on aporte em ceste terre, c’est à savoir gingembre, rubarbe, lignaloey et canele. Et dit l’on que ces choses viennet de Paradis terrestre*) (xl).

¹¹ Um fenômeno semelhante é descrito por Gabriele de’ Mussis (séc. XIV), quando da chegada da peste na Península Itálica: “No Oriente, perto da China, onde se situa o limite do mundo e o princípio da terra, sinais terríveis e temerosos apareceram, uma vez que serpentes e sapos, caindo [do céu] com uma forte chuva, entraram nas residências e aniquilaram inúmeras [pessoas], ferindo-as com seu veneno e estraçalhando-as com suas presas” (*In Oriente aput Cathaym, ubi est caput mundi et terre principium, signa horribilia et pauenda apparuerunt. Nam serpentes, et buffones, in condempnata pluuiâ descendentes, habitationes Ingressi, Innumerabiles sauciantes veneno, et corrodentes dentibus consumpserunt*) (Nápoli & Scatolin 2016, p. 191).

¹² Assim como a chuva de animais venenosos, a presença do fogo enquanto uma das possíveis causas da moléstia é rastreável em fontes diversas. Afirma-se, por exemplo, na *Breve chronicon Flandriae* (c. 1356): “No ano passado, no mês de setembro, em certa província das regiões orientais para os lados da Índia Maior, eventos terríveis e calamidades nunca antes vistos assolaram toda a região por três dias. No primeiro deles, choveram rãs, serpentes, lagartos, escorpiões e muitos outros animais peçonhentos. No segundo, foram ouvidos trovões, e caíram sobre a terra raios e relâmpagos acompanhados de pedras de gelo tão assustadoramente grandes, que mataram quase todas as pessoas, dos mais velhos aos mais jovens. No terceiro dia, um fogo com uma fumaça fétida veio do céu e consumiu por completo os homens e animais que haviam sobrevivido, incendiando todas as cidades e burgos daquelas regiões” (*Anno preterito in mense septembri circa Yndiam maiorem in orientalibus partibus in quadam provincia terribilia quedam et tempestates inaudite totam illam patriam tribus diebus oppressam tenuerunt. Primo quidem die ranas pluit, serpentes, lacertos, scorpiones et multa huiusmodi genera venenatorum*

animalium. Secundo vero die audita sunt tonitrua, et ceciderunt fulgura et chorscations mixte cum grandinibus mire magnitudinis super terram, que occiderunt quasi omnes homines a maiori usque ad minimum. Tercio die descendit ignis fetido fumo de celo, qui totum residuum hominum et animalium consumpsit et omnes civitates et castra illarum partium combussit) (Welkenhuysen 1983, p. 465). Enfim, para um dos possíveis ecos bíblicos do trecho, cf. Gn 19.24-25.

¹³ mod. Kärnten, estado ao extremo sul da Áustria.

¹⁴ mod. Steiermark, outro estado austríaco, localizado este no sudeste do país.

¹⁵ Outras possíveis causas da pestilência, cuja fonte primeira seria Deus. Neste sentido, lê-se em parecer da Faculdade de Medicina de Paris, datado de outubro de 1348: “Pois esta epidemia provém de duas causas. Uma delas é distante: superior e celeste; a outra está próxima: inferior e terrena. Esta última depende da primeira numa relação de causa e efeito. [...]” (*Nam ista epydimia a duplici prouenit causa, quarum una est remota que superior est et celestis, alia uero propinqua que inferior est et terrestris a prima dependens causaliter et effectiue*) (Hoeniger 1882, p. 153). Uma ressalva é feita, porém: “Ademais, não pretendemos omitir que a epidemia provenha da vontade divina, caso em que não há outra deliberação senão nos voltarmos humildemente a Ele, sem abandonar, porém, os médicos” (*amplius pretermittere nolumus quod epidimia aliquando a divina voluntate procedit, in quo casu non est aliud consilium nisi quod ad ipsum humiliter recurratur, medicos tamen non deserendo*) (*ibid.*, p. 156, modificada).

¹⁶ Entenda-se, o movimento dos flagelantes, cujas demonstrações públicas de autopunição possuíam o duplo escopo de expiar as faltas humanas – entendidas como uma das causas da mortandade – e, por conseguinte, aplacar a ira divina. Condenado pelo papa em 1349, escreve Filipe VI da França acerca do movimento em edito do mesmo ano: “Tomamos conhecimento de que uma seita de pessoas, sob a aparência de devoção e dissimulada penitência, os quais se autoproclamam flagelantes e penitentes, não apenas surgiu e se alastrou na dita cidade [*i.e.* Tournai], mas continua se alastrando dia após dia contra os costumes, a observância da fé e a salvação do povo cristão. [Soubemos também] que, através de sua dissimulação e logros, muitas pessoas simples, desconhecedoras da Santa Escritura e da verdadeira via de salvação, foram enganadas e a seguiram, para o detrimento do povo cristão e grande risco de sua salvação: [...] Por isso nós, querendo obedecer todos os dias a nossa Santa Madre Igreja de Roma e prover o quanto pudermos à glória da fé cristã e fazer frente a tudo que lhe seja contrário, ordenamos a vós que vos reunais com os vigários de nosso estimado e fiel cancelário, o bispo de Tournai, o deão e o capítulo de Tournai, e deliberem com ponderação e em conjunto, tomando providências para que tal seita, condenada e rejeitada pela mencionada Igreja de Roma, tenha fim nesta cidade e onde quer que demonstre poder. E que de agora em diante ninguém pense em juntar-se a ela ou segui-la, sendo seus seguidores obrigados a desistir [de tal intuito] e abandoná-la, por meio da imposição de penas temporais, banimentos, interdições e outros meios e expedientes que julgardes adequados [...]” (*Nous avons entendu que une secte de gens, souz couleur de devotion et de penitence controuuée, qui s'appellent batteurs et penans, est esleuée et multipliée en la dicte ville et se multiplie de iour en iour contre l'estat et l'observance de la foy crestienne et du sauueement du peuple crestien; que par leurs faintes simulationz et déceptions plusieurs simples gens, ignorans la sainte escripture et la vraie voie de leur sauueement sunt déceus en siuent la dicte secte, en grand escande du peuple crestien et grand péril de leur sauueement: [...] Pour qoy, nous, voellans a tous iours ensiuwir nostre sainte mere l'église de Romme et pourueoir à nostre pouoir al exaucement de la foy crestienne et obuier à tout inconuénient contraire, vous mandons que avec les vicaires de notre aimé et féal Canchellier, l'Evesque de Tournay, les Doijen et Capitle de Tournay, vous assemblés, et sur ces choses ayés bon auis et délibération ensamble, et y pourvuees de tel remède que tele secte dampnée et réprouuée par la dicte Eglise de Romme cesse du tout en la dicte Cité et ou pouuoir dicelle; et que doresenavant aucun ne la présume à entrer ne à suivre, en constraignant à cesser et à la délaissier ceulz qui la suiuent, par impositions de peines temporeles, par bans, deffenses et autres voies et remèdes telz et si avant comme vous verrés estre expédient [...]*) (Fredericq 1896, pp. 116-117).

¹⁷ Vide n. 6.

¹⁸ 29 de setembro.

¹⁹ sc. Clemente VI, papa entre 1342 e 1352. Dois anos antes de sua morte, reafirmou o ano jubilar em 1350, beneficiando os peregrinos que se dirigiam a Roma.

²⁰ Cf. Dickinson, 1861-1883, p. 886*.

²¹ Para um pormenorizado exame e discussão da sintomatologia envolvendo a doença, vide Cohn Jr. (2003, p. 83-139, esp. 86-91).

²² O abandono das residências é outro elemento corrente em textos sobre o tema. A título de exemplo, descrevem os relatos de Louis Heyligen de Beringen (c. 1304 – 1361) e Giovanni da Parma († c. 1381)

respectivamente: “Para não me alongar, [digo] que metade ou mais da população de Avignon está morta. Atrás dos portões da cidade, há mais de sete mil casas fechadas, sem qualquer morador dentro, onde todos morreram” (*Est igitur, ut breviter dicam, medietas in Avinione hominum mortua vel amplius. Sunt enim clause infra portas Avinionenses plus quam VII milia domorum, quas nullus inhabitat, in quibus omnes homines mortui sunt*) (61-64); “Não resta dúvida de que cinco em cada seis pessoas perderam a vida e de que todas as famílias em Trento tenham sido reduzidas. Muitas delas foram totalmente dizimadas. [...] E assim, as casas – praticamente todas – achavam-se sem moradores” ([...] *et pro certo mortui sunt in Tridento de sex personis quinque et non fuit aliqua familia in Tridento, quae non minueretur et multae familiae in totum interierunt, [...] itaque domus, et quasi omnes erant sine habitatoribus*) (24-27).

²³ Provavelmente uma de suas descrições mais célebres, os efeitos da peste são descritos de modo similar no *Decameron*: “Em vista disso, tornando-se dissolutos como os cidadãos em seus costumes, eles [sc. os camponeses] não cuidavam de suas coisas nem de seus afazeres; ao contrário, como se esperassem a chegada da morte para aquele mesmo dia, não se preocupavam com os futuros frutos da criação, das terras e do trabalho já realizado, e esforçavam-se com todo o empenho em consumir tudo o que tivessem no presente. Com isso, bois, asnos, ovelhas, cabras, porcos, frangos e até os fidelíssimos cães, expulsos de suas próprias casas, saíam andando a esmo pelos campos (onde a messe ainda estava abandonada, sem ser ceifada, para não dizer colhida). E muitos, como se fossem racionais, depois de terem se apascentado bem durante o dia, voltavam saciados à noite para casa, sem serem tangidos por pastores” (*per la qual cosa essi, così nelli loro costumi come i cittadini divenuti lascivi, di niuna lor cosa o faccenda curavano: anzi tutti, quasi quel giorno nel quale si vedevano esser venuti la morte aspettavano, non d'aiutare i futuri frutti delle bestie e delle terre e delle loro passate fatiche ma di consumare quegli che si trovavano presenti si sforzavano con ogni ingegno. Per che adivenne i buoi, gli asini, le pecore, le capre, i porci, i polli e i cani medesimi fedelissimi agli uomini, fuori delle proprie case cacciati, per li campi, dove ancora le biade abbandonate erano, senza essere non che raccolte ma pur segate, come meglio piaceva loro se n'andavano; e molti, quasi come razionali, poi che pasciuti erano bene il giorno, la notte alle lor case senza alcuno correggimento di pastore si tornavano satolli*) (Bocc. *Introd.* 1). Tradução de Ivone Benedetti.

²⁴ 11 de novembro. Trata-se de Martinho (†397), bispo de Tours por volta de 371.

²⁵ mod. Neuberg an der Mürz, no centro-leste austríaco.

²⁶ No original, *in agrum Dei*, isto é, provável forma latina do vocábulo *Gottesacker* (lit. “campo de Deus”), um dos designativos de “cemitério” em língua alemã. Para uma leitura diversa do trecho, *vide* Horrox (1994, p. 61), onde a expressão é entendida como um topônimo. Agradecemos ao Prof. Marcus Baccega por suas observações a respeito do termo.

²⁷ 31 de maio.

²⁸ *Vide* n. 16.

²⁹ Importante mosteiro cisterciense da moderna Wienerwald, na Baixa Áustria. Sua fundação deu-se nos anos de 1135-1136.

³⁰ Segundo a lei mosaica (Lv. 25.8-55), data ao fim de um período de 50 anos, onde os trabalhos no campo deveriam ser interrompidos e os israelitas, desobrigados de seus laços de servidão. Em âmbito cristão, Bonifácio VIII (c. 1234 – 1303) instituiu-o a cada 100 anos, intervalo reduzido a seu número original sob o papado de Clemente VI (*vide* n. 17). Seu caráter essencialmente remissório é explicitado na bula *Antiquorum habet fida relatio* (1300): “O Bispo Bonifácio, servo dos servos de Deus, ao perpétuo registro da questão. As fidedignas palavras dos antigos consideram que grandes perdões e indulgências são concedidos àqueles que se dirigem à honorável Basílica do Príncipe dos Apóstolos, nesta urbe./ §1. Nós, portanto, que, conforme o dever de nosso ofício, não apenas almejamos e nos ocupamos de muito bom grado da salvação de cada um [dos homens], mas julgamos que todo e qualquer perdão e indulgência deste tipo é legítimo, confirmamos e aprovamos os mesmos pela nossa autoridade apostólica [...].§2. Nós, fiando-nos na misericórdia de Deus Onipotente, nos méritos e na autoridade de Seus apóstolos, no parecer de nossos irmãos e na plenipotência apostólica, concederemos e concedemos a todos os verdadeiros penitentes e confessos – ou àqueles que verdadeiramente cumprirão penitência e se confessarão – não somente o pleno e generoso perdão, mas o absoluto perdão de todos os seus pecados” (*Bonifacius episcopus servus servorum Dei, ad perpetuam rei memoriam. Antiquorum habet fida relatio, quod accedentibus ad honorabilem basilicam Principis Apostolorum de Urbe, concessae sunt magnae remissiones et indulgentiae peccatorum./ §1. Nos igitur qui, iuxta officii nostri debitum, salutem appetimus et procuramus libentius singulorum, huiusmodi remissiones et indulgentias omnes et singulas ratas et gratas habentes, ipsas auctoritate apostolica confirmamus et approbamus [...].§2. Nos de omnipotentis Dei misericordia, et eorumdem apostolorum eius meritis et auctoritate confisi, de fratrum nostrorum consilio et apostolicae plenitudine potestatis, omnibus [...] vere poenitentibus et confessis, vel*

qui vere poenitebunt et confitebuntur, [...] non solum plenam et largiorem, imo plenissimam omnium suorum concedemus et concedimus veniam peccatorum (Tomassetti 1859, cols. 156b-157a).